

Pergunta contra pergunta

Acabara Leopoldo Cirne de presidir à sessão pública, interpretando certa passagem do Evangelho, quando elegante senhora se aproxima e considera, desapontada:

— Sr. Cirne, tenho buscado praticar a Doutrina Espírita por todos os meios ao meu alcance, mas é impossível. E' um freio a corrigir-nos e um agulhão a impulsionar-nos... Uma voz gritante na consciência a todo instante e uma disciplina que não acaba... Um trabalho sem fim e uma caridade que chega a ser exigência... Doutrina de retificações incessantes e obrigações sem limites...

E mirando os olhos claros do interlocutor, acentuou:

— Que me diz o senhor sobre isso?

E Cirne respondeu, imperturbável:

— Como é que a senhora queria que ela fôsse?...



Frutos

— Reconheço no Evangelho o livro da salvação, mas decididamente não concordo. Não concordo em que os espíritas se afirmem cristãos.

Era um negociante do Recife, muito ligado às tarefas de evangelização, dirigindo-se a Djalma de Farias, então benemérito lidador da Doutrina Espírita na capital pernambucana.

— Imagine só — e apontando para um homem sob pesado fardo na rua —, aquele é o Secundino, que esteve na cadeia por mais de oito anos. Beberrão contumaz, assassinou um companheiro de quarto que lhe negara alguns vinténs, e, por causa dele, morreu a esposa e um filhinho da vítima, em triste miséria. Isso aconteceu aqui mesmo, perto de nós. Entretanto, hoje diz que é espírita. Lê comentários do Novo Testamento. Fala sobre Jesus. Não é o caso do demônio que, depois de velho, se fez ermitão?

Farias, porém, objetou, muito afável:

— Meu caro, veja lá o que diz. Não será esse um caso para louvar? Pois se vemos um delinquente regenerado, um homem-problema tornar-se útil... Você é leal servidor do Evangelho. Vamos lá! E Jesus? O Mestre foi o remédio dos enfermos, o equilíbrio dos loucos, a visão dos cegos, o movimento dos paralíticos... O papel da religião não será ajudar, restaurar, reviver?

Surpreendendo-se desarmado de argumentação mais sólida, o comerciante aduziu:

— Para mim nada disso vale. Só a palavra do Evangelho é verdadeira. Quero a letra da lei...

— E você tem aí o Testamento do Cristo? — indagou Farias com humildade.

— Como não? — gritou o opositor enervado — estudo o Evangelho de ponta a ponta.

E sacou do bolso pequenino exemplar.

— Então, abra o livro — pediu Djalma —, é impossível que não tenhamos resposta justa.

O lojista descerrou as páginas, com segurança, e surgiram aos olhos de ambos as palavras do Cristo no versículo trinta e três do capítulo doze, nas anotações de Mateus: "...pelo fruto se conhece a árvore."



Instantâneo

João Marques pregava com fervor. O tema era a tolerância.

A assembleia, enlevada, bebia-lhe o verbo, num deslumbramento de luz.

— "Suportemos os golpes do destino! Suportemos a calúnia e a ingratidão, a dificuldade e a lágrima!..."

O auditório vibrava...

Nisso, pequenina bruxa dourada voeja na sala e toca de leve o rosto do orador.

João Marques vacila. Interrompe-se. Num átimo, toma a minúscula borboleta noturna e, visivelmente irritado, esmaga-a com o pé. E prossegue na preleção...

*

Mais tarde, o círculo é reduzido. Apenas alguns companheiros e o médium Macedo.

Batista, o presidente da instituição, agradece as bênçãos da noite. Era o décimo aniversário do templo e o salão estivera cheio.